

Dossier de imprensa







EDGAR PÊRA LISBOA REVISITADA

CASA DA LIBERDADE - MÁRIO CESARINY | Localização: [mapa](#) | HORÁRIO: 2ª feira a Sábado, das 14h às 20h
Clique para ver: [Catálogo](#) | [Obras em Exposição](#) | [Dossier de Imprensa](#) | [Imagens em Alta Resolução](#)

PT | Após a estreia, a do filme «Lisbon Revisited», a Casa da Liberdade - Mário Cesariny apresenta 1ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra, notável cineasta e artista plástico português.

“Lisboa Revistada - Photo-Liturgya Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoano”, é a mostra que marca a incursão de Edgar Pêra no universo das artes plásticas, aqui tendo por suporte a fotografia em formato 3D.

Sob o manto fantasmático de Fernando Pessoa, o autor convida-nos a embarcar numa viagem onírica, entre a arte de ver, de sentir e o vício de pensar.

“Pensar é estar doente dos olhos” escrevia outrora, Alberto Caeiro, o mais sensorial dos heterónimos Pessoaanos e é precisamente através dessa “doença” que esta exposição vive, mostrando formas alternativas de ver, de sentir a cidade e de (re)ler Fernando Pessoa.

Nesta mostra, Edgar Pêra expressa a profunda afinidade que sempre declarou encontrar entre a sua obra cinematográfica e as artes plásticas, sem esquecer a literatura e, de forma muito particular, a fotografia que aqui assume como suporte narrativo exclusivo, dando-lhe contornos tridimensionais através da construção imagética com recurso à técnica anaglífica.

Uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias, concebidas para serem observadas em 2D (numa primeira leitura) e em 3D, graças aos óculos anaglíficos, compõem uma exposição simultaneamente inédita, pelos recursos utilizados, e coerente com o percurso visual e artístico do autor.

Através destas obras, imergimos numa cidade sensorial, numa “Lisboa Revisitada” com visões estereoscópicas dos seus espaços verdes, momentos congelados, esculturas temporais, figuras trans-humanas e várias leituras possíveis de uma cidade em permanente reconfiguração onde os caminhantes têm, invariavelmente, de sopesar a carga onírica dos espaços silenciados entre a penumbra e o desejo que o olhar de Edgar Pêra soube magistralmente captar e devolver-nos, de forma amplificada (e anaglífica).

Patente de 17 de Fevereiro a 9 de Abril.



ENTREVISTA RTP2, por Sandra Sousa
Jornal 2 | 13 Fevereiro 2016

Disponível na íntegra em: <http://www.rtp.pt/play/p2243/e224448/jornal-2>



REPORTAGEM SIC NOTÍCIAS, por Sílvia Rato
Noticiários e Cartaz | 24 Fevereiro 2016
Brevemente disponível na web.





CRÉDITO FOTO

Lisboa revistada – Photo-Liturgie Lisboaeta & Kino-Exorcismo Pessoaano Lisboa

Cidade onírica

O realizador Edgar Pêra aventura-se numa dimensão alternativa, criando fotografias de Lisboa para ver com óculos 3-D

“Pensar é estar doente dos olhos”, escreveu Alberto Caeiro, o heterónimo pessoano que, seduzido pela sensorialidade do mundo à sua volta, recusava qualquer tipo de reflexão filosófica ou metafísica mediadora. O poeta “guardador de rebanhos” privilegiava a natureza acima de tudo, fruindo-a tal qual esta se lhe apresentava. O realizador Edgar Pêra, experiente mago de um certo artificialismo, reclama as afinidades literárias e passeia-se à boleia desta galáxia pessoana, cruzando, aqui, as fronteiras entre o cinema e as artes plásticas. E a apropriação singular de Lisboa transfigura-a numa paisagem bizarra, petrificada, holográfica, mais condizente com planetas estranhos ou experiências alucinogéneas. Sempre atento a uma reflexão sobre a alteridade, as potencialidades visuais, a velocidade, a perceção, o criador apresenta uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias – ou devemos chamar-lhes fotogramas? Há imagens do casario da cidade visto dos miradouros, há planos de jardins espectrais e de espécimes botânicos, observam-se banquinhos que evocam a *flanêrie* do poeta, bandos de pássaros, monumentos emblemáticos, estátuas impregnadas com o desassossego da tridimensionalidade...

Estas fotografias com aparente enquadramento clássico, resultam numa criação experimentalista, realçada pela passagem do 2D ao 3D: dentro de paisagens oníricas, vagamente abstratas, reencontram-se postais reconhecíveis com um toque de extravagância. A capital mostra-se transformada, à maneira de um negativo: a familiaridade é incerta, a sensação é amplificada pelo recurso à técnica anaglífica, o vocabulário estereoscópico tudo domina. Não é de estranhar se alguns de nós tivermos a sensação de viajar no tempo, até aos sonhos da infância, reencontrando um exercício de estilo semelhante ao que experimentávamos ao espreitar o mundo, tridimensional, através de um velhinho Viewmaster. **■ S.S.C.**

► Casa da Liberdade – Mário Cesariny > R. das Escolas Gerais, 13, Lisboa
> T. 21 88226 07 17 fev-12 mar, seg-sáb 14h-20h





Destaque Expresso | Revista E
Sábado, 20 Fevereiro 2016.

Cult
uras

Obrigatório

Cinema



3D LISBOA REVISITADA

Casa da Liberdade — Mário Cesariny, Lisboa, até 9 de abril

Após a estreia, na semana passada, do filme "Lisbon Revisited", surge esta incursão de Edgar Pêra no universo das artes plásticas, "Photo-Liturgia Lisboaeta e Kino-Exorcismo Pessoaano", tendo aqui por suporte a fotografia em formato 3D e vários textos de Fernando Pessoa. "Uma viagem onírica entre a arte de ver, de sentir, e o vício de pensar."

FILMES DE GEORGES MÉLIÈS

Salão Foz, Lisboa, hoje, 15h

Uma sessão de cerca de uma hora com filmes do pioneiro Georges Méliès, de entre os quais "Voyage dans la lune". Programada pela equipa da Cinemateca Junior a pensar nos espectadores mais novos.

SUSANA, DEMONIO Y CARNE

De Luis Buñuel

Com Rosita Quintana, Fernando Soler

Cinemateca Portuguesa, Lisboa, terça-feira, 15h

Um dos mais delirantes e perversos filmes de Luis Buñuel da sua fase mexicana, "Susana" transforma um melodrama de cordel num tratado de erotismo — ou não fosse a obra dirigida por um génio do cinematógrafo.

Música



50 ANOS "CINCO MINUTOS DE JAZZ"

Hot Clube de Portugal, Lisboa, segunda e de quarta a 27, Teatro Gil Vicente, Coimbra, terça, e Teatro São Luiz, Lisboa, 17 de março

As comemorações dos 50 anos do programa de rádio "Cinco Minutos de Jazz", de José Duarte (que começou a 21 de fevereiro de 1966 na Rádio Renascença e que atualmente é emitido na Antena 1, de segunda a sexta às 21h50), iniciam-se esta semana no Hot Clube com concertos do saxofonista Lou Donaldson (na foto), autor e intérprete do indicativo musical do programa. Dias 22 e 24, às 22h30 (2º set às 24h), Donaldson (saxofone alto) será acompanhado por Filipe Melo (piano), Bruno Santos (guitarra), Carlos Barretto (contrabaixo) e André Sousa Machado (bateria). Dias 25, 26 e 27, às 22h30 (2º set às 24h) toca outra grande figura do jazz, o saxofonista Steve Potts (longos anos companheiro musical de Steve Lacy, com quem gravou em Lisboa, a 29/02/1972, "Estilhaços", disco que assinalou o 6º aniversário dos "Cinco Minutos de Jazz"). Potts (saxofone alto e soprano) terá a seu lado Carlos Barretto (contrabaixo), João Paulo Esteves da Silva (piano) e José Salgueiro (bateria). Dia 23, às 21h30, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, toca o quarteto do saxofonista Ricardo Toscano, com Abe Rábade (piano), Romeu Tristão (contrabaixo) e Mário Barreiros (bateria). Finalmente, dia 17 de março, no âmbito da Festa do Jazz do São Luiz, em Lisboa, os "Cinco Minutos de Jazz" serão evocados por um concerto com o Quarteto de Carlos Martins, o Mário Laginha Trio, e Rita Maria e Filipe Raposo e Ensemble.

Teatro & Dança



THE WEATHER™

De Mariana Tengner Barros

Negócio/ZDB, Lisboa, de 25 a 27

Num ato de cumplicidade entre relevantes intérpretes e criadores da dança contemporânea portuguesa — Mariana Tengner Barros, Elizabeth Francisca e Luís Guerra —, a primeira, Mariana, cria uma peça de dança que numa sucessão de duetos origina um "cadáver esquiso" que vai buscar referências aos filmes de Kenneth Anger, às personagens bizarras de Lynch, ou em que ressurgem, como fantasmas, as danças da Mary Wigman ou Anita Berber (e outros xamãs ainda mais obscuros).

UNIVERSOS PARALELOS

De Mala Voadora

Teatro do Campo Alegre, Porto, hoje e amanhã

Teatro de ficção científica, onde a noção de realidade é posta em causa. Esta proposta da Mala Voadora é também um teatro de mistério, que decorre numa empresa que, por razões experimentais, produz mundos semelhantes ao nosso.

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

De Tennessee Williams

Teatro São Luiz, Lisboa, até dia 28

"Será possível devolver ao teatro aquilo que aparentemente o cinema fixou e para sempre?" Esta é apenas uma das muitas interrogações que acompanharam Jorge Silva Melo na encenação deste clássico imortalizado pelo cinema de Hollywood.



DESTAQUE NO JORNAL DE LETRAS ARTES E IDEIAS,
Por Leonor Nunes
17 Fevereiro 2016.



Lisboa revisitada em 3D Edgar Pêra São assumidas desde sempre as afinidades entre o cinema de Edgar Pêra e o universo das artes plásticas e da literatura. O cineasta torna agora evidente essa ligação

VAI ACONTECER

numa primeira exposição de fotografia 3D, *Lisboa Revisitada - Photo-Liturgia Lisboaeta & Kino-Exorcismo Pessoaano*, que hoje, quarta-feira, 17, se inaugura na Casa da Liberdade Mário Cesariny, a Alfama, em Lisboa. E é

precisamente a cidade que se poderá ver com outros olhos em 2D e com óculos em três dimensões. Quarenta fotografias e uma instalação para uma experiência sensorial, a mote do verso do heterónimo Alberto Caeiro: “Pensar é estar doente dos olhos”.



DESTAQUE JORNAL AS ARTES ENTRE AS LETRAS,
por Nassalete Miranda
11 Fevereiro 2016.

10 fevereiro 2016 | **14**
AS ARTES ENTRE AS LETRAS



1.ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra

Inaugura, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Lisboa, a 1.ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra no próximo dia 17 de Fevereiro. A mostra «Lisboa Revistada - Photo-Liturgia Lisboaeta & Kino-Exorcismo Pessoa-no» assume especial importância porque marca a incursão do cineasta e artista plástico português no universo da fotografia e instalação 3D. A inauguração da mostra - a partir das 18 horas - tem lugar após a estreia, a 11 de Fevereiro, do filme «Lisbon Revisited». Com curadoria de Carlos Cabral Nunes, a exposição estará patente até 12 de Março.

DESTAQUE JORNAL METRO,
17 Fevereiro 2016



Exposição. A Lisboa de Edgar Pêra a três dimensões

O realizador e artista plástico Edgar Pêra inaugura hoje, em Lisboa, a sua primeira exposição de fotografia em três dimensões, inspirada no universo de Fernando Pessoa e no ato de ver e de sentir. “Lisboa Revisitada – Photo-Liturgia Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoa-no” reúne uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias concebidas para serem observadas em duas dimensões, numa primeira leitura, e em três dimensões com óculos anaglíficos.

A exposição vai estar patente até 12 de março, com entrada livre.



Edgar Pêra expõe fotografias 3D inspiradas em Fernando Pessoa

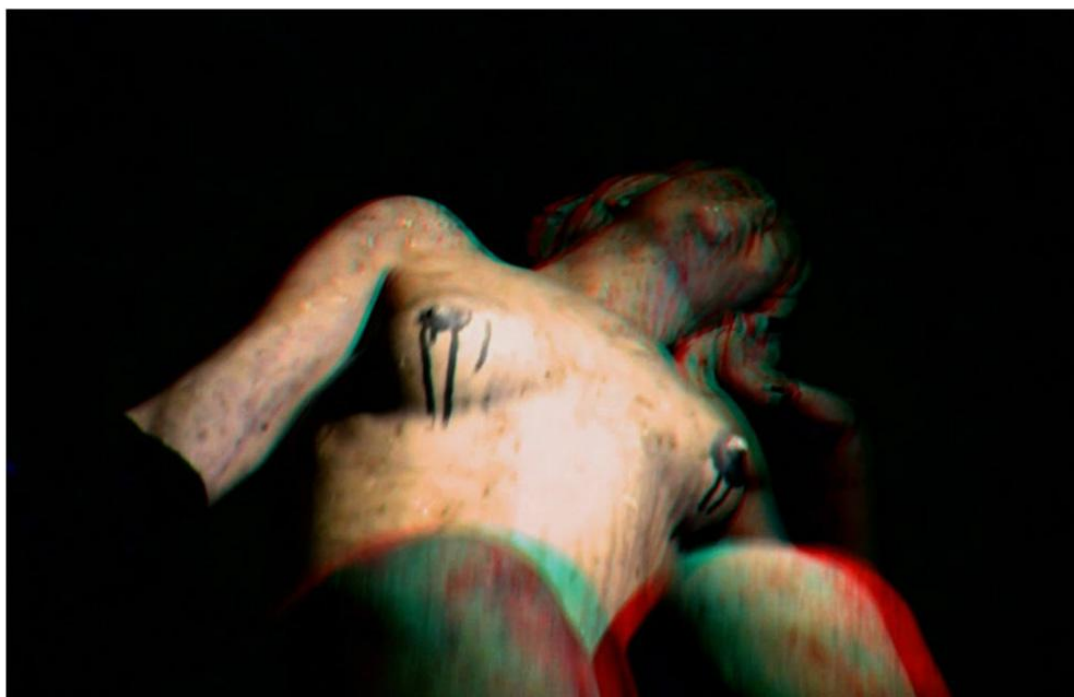
Exposição reúne uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias concebidas para serem observadas em duas dimensões, numa primeira leitura, e em três dimensões com óculos anaglíficos

Texto de Lusa

DESTAQUE PÚBLICO
Por Amílcar Correia
16 Fevereiro 2016

Disponível em:

<http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/19681/edgar-pera-expoe-fotografias-3d-inspiradas-em-fernando-pessoa>



O realizador e artista plástico Edgar Pêra inaugura esta quarta-feira, 17 de Fevereiro, em Lisboa, a sua primeira exposição de fotografia em três dimensões, inspirada no universo de Fernando Pessoa e no acto de ver e de sentir.

"Lisboa Revistada - Photo-Liturgia Lisboaeta & Kino-Exorcismo Pessoaano" é o título da mostra, que inaugura às 18horas, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Lisboa.

De acordo com a galeria, a exposição reúne uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias concebidas para serem observadas em duas dimensões, numa primeira leitura, e em três dimensões com óculos anaglíficos.

A fotografia anaglífica é uma variante da fotografia estereoscópica ou em três dimensões, que procura imitar o processo natural da visão estereoscópica humana, na qual cada olho vê uma imagem ligeiramente distinta do objecto observado, já que existe uma diferença de posição entre ambos e, portanto, de perspectivas, que se cruzam.

"Pensar é estar doente dos olhos" escrevia outrora, Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa que Edgar Pêra cita na exposição sobre formas alternativas de ver, de sentir Lisboa e de reler o universo pessoano.

Segundo a galeria, esta mostra, que tem curadoria de Carlos Cabral Nunes, Edgar Pêra exprime a afinidade que sempre declarou encontrar entre a sua obra cinematográfica e as artes plásticas, a literatura e a fotografia.

Edgar Pêra criou mais de 30 filmes, entre documentários e ficções, curtas e longas-metragens, tendo sido premiado com o Pasolini de carreira, atribuído em Paris, em 2006. Entre outros, assinou filmes como "O Barão" e "Rio Turvo", a partir de Branquinho da Fonseca, "Stillness" e "Lisbon Revisited", sobre Fernando Pessoa, "A Cidade de Cassiano", e "Movimentos Perpétuos - Cine-Tributo a Carlos Paredes". A exposição vai estar patente até 12 de Março, com entrada livre.

Realizador Edgar Pêra cria exposição de fotografia 3D inspirada em Pessoa

Lusa

16 Fev, 2016, 12:07 | Cultura (<http://www.rtp.pt/noticias/cultura>)

O realizador e artista plástico Edgar Pêra inaugura na quarta-feira, em Lisboa, a sua primeira exposição de fotografia em três dimensões, inspirada no universo de Fernando Pessoa e no ato de ver e de sentir.

"Lisboa Revistada - Photo-Liturgia Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoaano" é o título da mostra, que inaugura às 18:00, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Lisboa.

De acordo com a galeria, a exposição reúne uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias concebidas para serem observadas em duas dimensões, numa primeira leitura, e em três dimensões com óculos anaglíficos.

A fotografia anaglífica é uma variante da fotografia estereoscópica ou em três dimensões, que procura imitar o processo natural da visão estereoscópica humana, na qual cada olho vê uma imagem ligeiramente distinta do objeto observado, já que existe uma diferença de posição entre ambos e, portanto, de perspetivas, que se cruzam.

"Pensar é estar doente dos olhos" escrevia outrora, Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa que Edgar Pêra cita na exposição sobre formas alternativas de ver, de sentir Lisboa e de reler o universo pessoano.

Segundo a galeria, esta mostra, que tem curadoria de Carlos Cabral Nunes, Edgar Pêra exprime a afinidade que sempre declarou encontrar entre a sua obra cinematográfica e as artes plásticas, a literatura e a fotografia.

Edgar Pêra criou mais de 30 filmes, entre documentários e ficções, curtas e longas-metragens, tendo sido premiado com o Pasolini de carreira, atribuído em Paris, em 2006.

Entre outros, assinou filmes como "O Barão" e "Rio Turvo", a partir de Branquinho da Fonseca, "Stillness" e "Lisbon Revisited", sobre Fernando Pessoa, "A Cidade de Cassiano", e "Movimentos Perpétuos - Cine-Tributo a Carlos Paredes".

A exposição vai estar patente até 12 de março, com entrada livre.

Exposição de Edgar Pêra revela incursão em fotografia 3D

Teresa Nicolau - RTP | 01 Mar, 2016, 09:16 / 01 Mar, 2016, 09:16 | [Cultura](#)



Após a estreia, a 11 de Fevereiro, do filme «Lisbon Revisited», a Casa da Liberdade - Mário Cesariny inaugurou no dia 17 de Fevereiro a 1ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra, cineasta e artista plástico português.

"Lisboa Revistada - Photo-Liturgia Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoano", é a mostra que marca a incursão de Edgar Pêra no universo das artes plásticas, aqui tendo por suporte a fotografia em formato 3D.

Sob o manto fantasmático de Fernando Pessoa, o autor convida-nos a embarcar numa viagem onírica, entre a arte de ver, de sentir e o vício de pensar.

"Pensar é estar doente dos olhos" escrevia outrora, Alberto Caeiro, o mais sensorial dos heterónimos Pessoaanos e é precisamente através dessa "doença" que esta exposição vive, mostrando formas alternativas de ver, de sentir a cidade e de (re)ler Fernando Pessoa.

Nesta mostra, Edgar Pêra expressa a profunda afinidade que sempre declarou encontrar entre a sua obra cinematográfica e as artes plásticas, sem esquecer a literatura e, de forma muito particular, a fotografia que aqui assume como suporte narrativo exclusivo, dando-lhe contornos tridimensionais através da construção imagética com recurso à técnica anaglífica.

Expresso

A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS

O realizador que nos desafia a olhar o mundo em 3D

26.02.2016 às 13h12

Edgar Pêra é o guerrilheiro do cinema português, sempre em busca de novas 'armas tecnológicas' para nos contar histórias como nunca ninguém viu e sentiu. Irónico, subversivo e instintivo, foi o pioneiro do 'do it yourself', com uma estética futurista e vanguardista desde que começou a filmar nos anos 80 os telediscos de bandas pop como os GNR ou Sétima Legião. Desde aí criou uma identidade própria, começando pelas curtas-metragens e contrariando os modos clássicos de filmar. Autor de inúmeros filmes premiados como "A Janela (Maryalva Mix)" e "O Barão" arriscou misturar todos os formatos. Do Super 8 à película tradicional e do digital ao 3D. Agora Pêra cruza o cinema com as artes plásticas e desafia-nos a colocar os óculos 3D para nos surpreendermos com a tridimensionalidade da capital na exposição "Lisboa Revisitada." No fim de semana em que se celebra a 88ª edição dos Óscares, Pêra revela que adorava ganhar uma estatueta dourada em Hollywood. "E nem era para melhor filme estrangeiro. Era para melhor filme. Ponto." Uma conversa 'tridimensional' para ouvir neste episódio do podcast "A Beleza das Pequenas Coisas"





Para ouvir os podcasts do Expresso nos seus dispositivos móveis e no computador, copie e adicione o seguinte URL à sua aplicação de podcasts: <http://bit.ly/1TnvM3J>

Para ouvir esta conversa não precisa de óculos 3D, mas aconselhamos a que esteja confortavelmente sentado porque a viagem deste episódio é vertiginosa entre o passado, o presente e o futuro. Iremos um pouco além, até aos tempos do cinema virtual e dos atores em holograma que poderão conviver consigo em casa ou numa sala de cinema. Como? É ouvir o cineasta sobre o que aí vem.

Este episódio foi gravado em casa de Edgar Pêra entre a preparação dos seus próximos projectos, nomeadamente a adaptação ao cinema de mais uma obra do escritor Branquinho da Fonseca, “Caminhos Magnéticos”, depois de “Rio Turvo” (2007) e “O Barão” (2011), ambos premiados. Edgar vê nesse autor a melhor matéria para os seus filmes. “Ele não está ali a descrever móveis. São imagens do pensamento, sensações e emoções que eu gosto e que me transcendem. Sinto que com ele me transcendo. Foi o

que senti com O Barão [protagonizado por Nuno Melo].”

Aos 55 anos, depois de surpreender com a comédia pop “Virados do Averso” — uma longa-metragem estreada há um ano e meio que levou 116 mil espectadores às salas de cinema — Pêra desafia os portugueses a colocarem os óculos anaglíficos (os tais com lentes azuis e vermelhas) para assistirem à sua primeira exposição de fotografia em três dimensões e cine-instalação 3D digital inspirada no universo de Fernando Pessoa. É a sua Lisboa Revisitada” – Photo-Liturgia Lisboeta e Kino-Exorcismo Pessoaano” que está patente na Casa da Liberdade – Mário Cesariny, no bairro de Alfama, em Lisboa, com curadoria de Carlos Cabral Nunes. Para ver e sentir Lisboa de outra maneira. Com outros olhos. Através do desassossego da tridimensionalidade.

“[O 3D] é sem dúvida o ponto de atracção fundamental. No entanto a revisitação [de Lisboa] não é dada exclusivamente pela tridimensionalidade. É dada sobretudo pelo tratamento cromático das imagens. E isso é tanto em 2D, como em 3D. Quis mostrar essa doença dos olhos que é o pensamento. E ao mesmo tempo revelar outras visões, como há a da serpente com a sua visão térmica. Interessava-me trazer uma visão trans-humana de um extra-terrestre que tivesse chegado cá com esta forma invertida de ver as cores. E assim posso fazer com que uma gaivota pareça um corvo. O seu negativo pode transformá-la no pássaro da cidade.”

A dado momento desta entrevista fomos deliciosamente interrompidos por breves instantes pelo pequeno Henrique, de 3 anos, o filho de Edgar a quem o 3D não é uma coisa estranha. Na ocasião, o cineasta comentou: “Ele é um filho 3D realmente (risos). As imagens dele já estiveram pelo mundo inteiro. Desde o “CineSapiens” tem entrado em todos os meus filmes. [E a sua imagem tem andado] de Cannes, ao Japão até à Finlândia. Ele entra sempre. Nem que sejam 30 segundos. Até no “Lisbon Revisited” aparece a voz dele... a chorar. E já sabe dizer “3D”, e para que são os óculos 3D, apesar de eu não deixar que ele os ponha porque ainda não tem idade. Mas é óbvio que é para o futuro que eu faço as coisas. Portanto é para ele.”

Mas o cinema 3D que deu tanto brado nos anos 80 e, mais recentemente, na era do digital veio para ficar? Edgar dá a sua opinião: “Não acho que o 3D seja apenas uma novidade. Acho que é uma outra forma de ver. É tipo Fénix. O 3D precede o cinema. As fotografias estereoscópicas existem antes do próprio cinema. O que aconteceu é que em determinados momentos – nos anos 50, 80 e depois a partir do Avatar, com o 3D digital passou a acreditar-se que todo o cinema mainstream fosse 3D. No entanto, acabou por se tornar um fenómeno circunscrito aos filmes fantásticos de super-heróis ou para crianças e são raras as vezes em que existe uma preocupação artística. E é isso que me interessa no 3D. É como forma de expressão.”

O realizador que começou a filmar em 1985, após terminar o curso de cinema, adotou

logo aí a persona do Homem-Kâmara, filmando compulsivamente o seu quotidiano e o de bandas pop portuguesas com quem convivia. Dessa colaboração nasceram videoclipes e filmes musicais televisivos com os GNR, Heróis do Mar, Xutos & Pontapés, Sétima Legião e Rádio Macau.

Curiosamente, o seu primeiro trabalho público é o videoclip “Dunas” dos GNR. Era a (sua) fase do punk. Ou como ele diz, do neuro-punk. “Eu comecei a conviver muito com as bandas. E o facto de eu ter saído da escola e ter começado logo a filmar era a vontade de começar logo a fazer coisas. Eu dizia que era um neuro-punk. Até tenho alguns manifestos publicados no [jornal] Independente, quando eu era colaborador deles. Um neuro-punk não tem uma atitude de agressão física, mas agressão neuronal. Onde eu atacava era na percepção. O que eu queria fazer era cinema pop, influenciado pelo cinema série B. E acabei por fazer poesia. É a tal poesia do desenrascanço. Se não temos cão, caçamos com outro animal qualquer. O que interessa é conseguirmo-nos exprimir.”

Ao longo da sua carreira Edgar Pêra realizou mais de 30 filmes, entre documentários e ficções, curtas e longas-metragens, chegando a ser premiado com o Pasolini de carreira, atribuído em Paris, em 2006. A partir de determinado momento da sua filmografia, o ator Nuno Melo passou a ser o seu ator-fetiche, o protagonista de todas as suas obras. Sobre o falecido ator, o realizador assume que passou a ser uma espécie de alter-ego no grande ecrã. “O caso do Nuno Melo era um caso diferente. Porque havia mesmo uma cumplicidade muito grande. A partir de determinada altura quase todos os meus projectos eram protagonizados por ele. E havia esse lado de alter ego que eu nunca quis aceitar.”

Edgar assume que há muito que não vai ao cinema ver filmes de outros. Por manifesta falta de tempo. Diz que a sua preferência tem ido para as séries televisivas visionadas no sofá da sala. Algumas com sabor a cinema do bom. “A última série que vi em que senti que estava a ver algo de verdadeiramente cinematográfico foi a primeira temporada do Fargo [Série americana inspirada no filme [Fargo](#), que conta com [Joel e Ethan Coen](#), ambos produtores executivos na série]. Está filmada como se fosse feita para uma sala. Porque cria espaço. Não tem a lógica do grande plano de uma telenovela. E consegue produzir ritmo como muitos não conseguiriam. É cativante.”

Sobre os candidatos deste ano aos Óscares, Edgar não tem preferências, até porque não viu nenhum deles. Mas revela um desejo antigo: “No dia em que for nomeado acho que vou ter algum interesse no assunto. Porém não é [um assunto] irrelevante, porque acho que qualquer pessoa que entra no mundo do cinema pensa [nisso]. Eu adorava ter um Óscar. E nem era para melhor filme estrangeiro. Eu gostava de ter um Óscar para melhor filme. Ponto. Mas o tipo de cinema que eu faço leva-me cada vez mais longe de tudo o que seja parecido com um Óscar. Se um dia eu fizer um melodrama e tiver meios

e se for feito com atores americanos, com esses ingredientes posso sonhar com isso. (...) Mas eu sou mais a favor do entusiasmo, do que pelos melodramas e as comédias são raramente premiadas com um Óscar. A vanguarda tem um lado humorístico sempre muito forte...”.

Ainda neste episódio, o cineasta escolhe como filme da sua vida “As Aventuras de Buckaroo Banzai Através da Oitava Dimensão”(W.D. Richter, 1984). Nesta paródia aos filmes de ficção científica o protagonista está na oitava dimensão, é neurocirurgião, estrela de rock e super-herói e precisa combater uns tais de Red Lectroids, do Planeta 10, pois eles estão a usar a máquina para fazer o mal. “Acho que o título já diz bastante. A ironia inspira-me imenso. Eles não se estão a levar a sério e isso é a coisa mais nobre que existe. Quando eu me levo a sério aborreço-me.”

Mas há muito, muito mais para ouvir e descobrir sobre Edgar Pêra neste episódio: para o fazer, basta clicar na seta que se encontra no topo deste texto ou descarregar no Soundcloud.

O programa “A Beleza das Pequenas Coisas” conta com música dos Budda Power Blues.

Lisboa Revistada (Por Edgar Pêra) – Photo-Liturgia Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoaano. Casa da Liberdade – Mário Cesariny. R. das Escolas Gerais, 13, Lisboa. Tel. 21 88226 07. Até 9 de abril. De segunda a sábado, das 14h às 20h. Entrada livre.



Podcasts Expresso

Disponível em: https://soundcloud.com/jornal_expresso/a-beleza-das-pequenas-coisas-edgar-pera





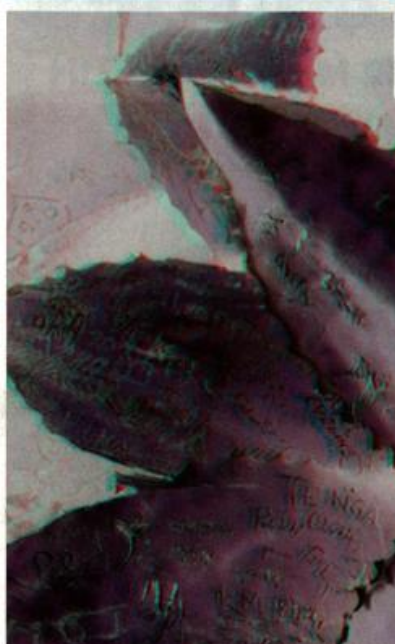
DESTAQUE REVISTA TIME OUT

por André Santos

2 a 8 Março 2016

Arte

arte@timeout.pt



Elevation, Commandement, Satisfaction, 2015, fotografia anagráfica s/ papel luster, 56,8x103,5 cm

Quando Lisboa aparece à frente do espectador segundo o olhar de Edgar Pêra sabe-se que se está perante algo de especial. Ao longo das últimas décadas, o seu trabalho tem sido único e irreverente no panorama português, fruto de uma vontade de arriscar que é rara, sem medo de falhar. E mesmo quando Edgar Pêra falha, há algo nos seus filmes que merece a atenção do espectador e que lhe oferece alguma coisa de inteligente, tanto a nível de imagética como de narrativa, e isso tem ajudado a criar uma relação especial com a sua obra, quer pelo desafio que lança, quer pela vontade de superar convenções.

A acompanhar a estreia de *Lisbon Revisited*, um filme onde a capital portuguesa é mostrada em três dimensões, envolvida pelo imaginário de Fernando Pessoa e os seus heterónimos, inaugurou a 17 de Fevereiro, na Casa da Liberdade, a exposição de fotografia e instalação 3D *Lisboa Revisitada*. Com curadoria de Carlos Cabral Nunes, é a primeira

Lisboa à Pêra

Ao longo de três anos Edgar Pêra fotografou e filmou alguns espaços verdes de Lisboa em 3D com Fernando Pessoa a sussurrar-lhe aos ouvidos. **André Santos** substituiu os seus óculos por uns anaglíficos (aqueles para ver em 3D).

vez que Edgar Pêra expõe no formato 3D. Mais uma proposta arriscada do cineasta, fotógrafo e artista plástico.

Como dá para perceber nas imagens que ilustram estas páginas, a olho nu estas fotografias apresentam alguns locais de Lisboa num formato de difícil percepção, um universo transfigurado que oferece uma espécie de realidade alternativa para a cidade convencional. O conceito da exposição convida o espectador a olhar primeiro para as fotografias sem óculos, em 2D, e conviver de um modo

bizarro e único com as imagens que foram captadas. Depois tem que se voltar a elas com os óculos anaglíficos postos (que a Casa da Liberdade disponibiliza gratuitamente aos seus visitantes) e descobrir estes lugares na sua forma absoluta como originalmente foram concebidos para serem visionados.

Ao todo estão expostas quarenta fotografias em 3D e uma instalação também nesse formato. *Lisboa Revisitada* é o resultado de um trabalho de três anos (2011-2014) em que Edgar

Pêra procurou fazer uma investigação plástica e poética dos espaços verdes de Lisboa. "Mal comecei a fotografar e a filmar em 3D, apercebi-me que era o formato ideal para mostrar a natureza e as suas irregularidades, pelas múltiplas perspectivas e níveis de profundidades que proporcionam", revela o próprio artista no catálogo da exposição. Foi a partir deste projecto que nasceu o filme *Lisbon Revisited*, mas a exposição é mais do que um *making of* ou uma espécie de diário de bordo. É um olhar único sobre Lisboa, sobre os seus espaços, sobre a forma como estes inspiram e dinamizam uma visão poética, seja literária, fílmica ou plástica, e criam uma vontade no espectador de os invadir e sentir-se subvertido por eles.

Lisboa Revisitada, de Edgar Pêra
Até 9 de Abril. Casa da Liberdade
- Mário Cesariny, R das Escolas
Gerais 13. Seg-Sáb, 14.00-
20.00. Entrada gratuita.

38 Time Out Lisboa 2 - 8 Março de 2016



DESTAQUE ANTENA 1 | por Alexandra Costa | 17 Fevereiro 2016

Disponível em:

http://www.rtp.pt/noticias/cultura/edgar-pera-inaugura-exposicao-de-fotos-3d-inspirada-em-pessoa_a896883

Edgar Pêra inaugura exposição de fotos 3D inspirada em Pessoa

Alexandra Sofia Costa - Antena 1

17 Fev, 2016, 18:42 | [Cultura](#)



O realizador e artista plástico Edgar Pêra inaugurou esta quarta-feira, em Lisboa, a sua primeira exposição de fotografia em três dimensões, inspirada no universo de Fernando Pessoa e no ato de ver e de sentir.

Lisboa Revistada - Photo-Liturgia Lisboaeta & Kino-Exorcismo Pessoaano" é o título da mostra. Uma instalação 3D digital e um conjunto de 40 fotografias concebidas para serem observadas em duas dimensões, numa primeira leitura, e em três dimensões com óculos anaglíficos.



DESTAQUE RTP3 | por Teresa Nicolau | 17 Fevereiro 2016

As horas extraordinárias. Magazine cultural diário.

Disponível em: <http://www.rtp.pt/play/p2242/e226366/as-horas-extraordinarias>



DESTAQUE TOMI | por Carla Azevedo | 17 Fevereiro 2016
Plataformas multimédia interactivas de última geração
instaladas nas ruas de Lisboa
Na foto: Spot da Praça do Comércio

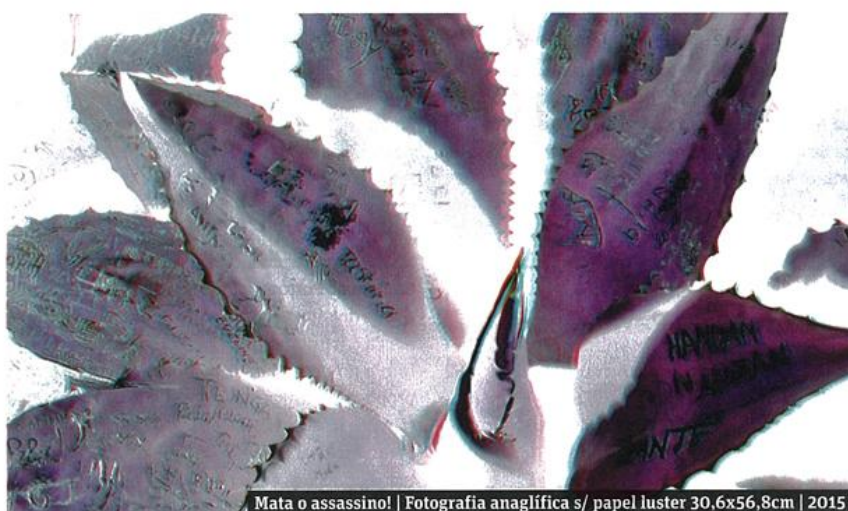


Edgar Pêra ou o objecto fílmico tornado obra e corpo de arte

Falo de um tempo que não sei de onde provém, nem de que cor se temperou esta memória ou dos cheiros que a povoam, muito menos dos espíritos ou de quaisquer unicórnios alados e visceralmente sólidos, reinantes. Falo deste lugar-tempo habitado por estátuas e verdejantes crateras compondo-se luz e espaço. Sei do temporal anunciando-se, sei de um maremoto em alto-mar silenciado ainda. Sei que do vibrar das plantas-venenosas e das altas criaturas esfíngicas se produzem sonhos importantes, fábulas de estremecimento rápido e cruces que contornam esquinas em paraísos por construir. Tudo se fazendo deserto e coisa alguma. Mas sei do que falo sem saber o que possa edificar ante o espanto. Assim é a pintura visualmente carnal e canibalizante que Edgar Pêra teceu sob a forma fílmica, disso fazendo seu corpo e obra.

Nesta última incursão narrativa, há as várias pessoas de Pessoa, interpelando-nos, numa conjugação de espelhos quebrados em fragmentos ínfimos e magnificamente sensíveis. Mas eu só soube, só quis disso saber, após toda a exposição e os seus processos terem terminado. Foi revelador. Observar na obra filmada os momentos literários, poéticos, plásticos que haviam sido urdidos nas imagens simultaneamente estáticas e profundadas, anaglíficamente convocando-me à submersão-subversão.

Conheço e admiro a obra cinematográfica de Edgar Pêra, desde os meus vinte e poucos anos. Desde Cassiano, o filme sobre a cidade, esta Lisboa, que agora é revisitada. Lembro-me bem de como senti essa obra mais ou para lá do que era e é para mim o cinema. Era realização de um artista, com a fala e as gúelras, o sangue e cada osso, de que se fazem os artistas que admiro. Conheci o Edgar por essa altura, em noites lendárias, velas de bairro. Só há poucos anos retomámos contacto e o aprofundámos. Primeiro pelo amigo comum, Alberto Pimenta, depois pelo incomum Joan Miró, que nos aproximou ainda mais, ao ponto de Edgar me deixar fazer-lhe aquela que ele considerou a sua mais detalhada retrospectiva fílmica, até à época, em 2014, mas isso são já outras histórias. O certo é que, tendo sido esta mostra fruto de um percurso empreendido de forma natural, nada há nisto que não seja uma inexecedível e fenomenal surpresa per-



Mata o assassino! | Fotografia anaglífica s/ papel luster 30,6x56,8cm | 2015



Fantasma a errar em sala de recordações | Fotografia anaglífica s/ papel luster 15x26,7cm | 2015

manente. Tudo se organizando magicamente. Tudo fazendo sentido, único e reservado. Seremos marionetas de um Deus qualquer, poder-se-ia entender desta fala de homem gasto que sou. Direi apenas que, nalguns casos, como este, me parece ser Ele um ser maravilhoso, encantador na forma como colocou os elementos todos magnificamente alinhados, no caminho. E o resultado, a obra de arte afinal, ficará, como num filme tornado objecto artístico, ao serviço e ao gosto particular e puro, de cada um.

Concordo com Edgar: Lisboa é isto, esta visão que nos é ofertada por ele na sua revisão à cidade, não sendo apenas isso - lugar profundamente denso, habitado por

fantasmas, afinal só sombras desveladas, nocturnas, em intervalos de silêncio com vozes, muitas, povoando-nos a memória, o desejo. E no tempo, inscrevendo-se como pedra gravada, uma só palavra: Liberdade. E, na palpação terrena dos dias, uma outra ressurgindo, imponente: Arte.

Lisboa, como poetizou Cesariny no seu brilhante "Louvor e simplificação de Álvaro de Campos", que paira indómito sobre esta mostra, "Lisboa e muito mais".

Carlos Cabral Nunes - Curador da exposição "Lisboa Revisitada", de Edgar Pêra, patente na Casa da Liberdade Mário Cesariny, em Alfama, até 9 de Abril de 2016

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Horário: 2ª feira a Sábado, das 14h às 20h

www.pervegaleria.eu

